

## **INTERNALISMO E EXTERNALISMO: AMBIGUIDADE NA TEORIA SKINNERIANA?**

Mariana Adeline Bazotte de Mello (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: mariana.abmello@gmail.com

Os modelos de psicologia oscilam entre duas tradições, o internalismo e o externalismo. O internalismo explica o fenômeno psicológico com base nas características “internas” dos indivíduos, já no externalismo essa explicação encontra-se no ambiente. A ideia que subjaz à dicotomia interno-externo é de que organismo e ambiente têm existências independentes. Essa lógica culmina em um debate infundável entre teorias que defendem que a direcionalidade da relação organismo-ambiente inicia-se ora no polo interno, ora no polo externo. Trazendo essa discussão para o behaviorismo radical, é evidente as críticas de Skinner às propostas internalistas, que atribuem a causa do comportamento ao homem autônomo ou “eu iniciador”. Em contrapartida, Skinner alerta para a importância do papel do ambiente na explicação comportamental e, por isso, sua abordagem é comumente classificada como externalista. Entretanto, essa qualificação fomenta o surgimento de interpretações equivocadas como a aproximação do behaviorismo radical com o behaviorismo watsoniano. Além disso, em alguns momentos, apesar da influência do ambiente, Skinner sugere que o indivíduo é ativo ao se comportar, o que, aparentemente, permitiria uma aproximação com o internalismo. Partindo dessas considerações, o objetivo desse trabalho, de caráter conceitual, foi tentar esclarecer essa ambiguidade referente ao posicionamento do behaviorismo radical no contexto das classificações internalismo e externalismo, investigando a viabilidade de uma interpretação alternativa da teoria skinneriana no que concerne a essas classificações. Para tanto, a pesquisa foi realizada mediante algumas etapas: levantamento e análise de textos de autores behavioristas que empregam as classificações internalismo-externalismo para discutir propostas de psicologia; levantamento de textos skinnerianos que possuíam aspectos internalistas e externalistas; análise dos textos e sistematização dos resultados. Os resultados destacam a possibilidade de uma crítica ao emprego da lógica dicotômica interno-externo na classificação do behaviorismo radical, por meio de uma interpretação relacional da teoria skinneriana. No relacionismo, haveria uma prioridade da relação sobre os elementos relacionados. Ontologicamente, significa que os elementos em relação não existem “fora” ou antes dela, eles existem apenas na relação. Essa interpretação é incoerente com classificações tanto internalistas quanto externalistas, que dependem de um ponto de referência fixo a partir do qual se considera um objeto como interno ou externo. Se o comportamento é relação, qual seria esse ponto de referência? Ademais, em uma perspectiva relacional, não faz sentido perguntar pelo início do comportamento, evitando, assim, uma linearidade que também sustenta as classificações internalismo-externalismo. Portanto, independentemente das sentenças explicativas iniciarem no ambiente ou no organismo, não existiria um ponto de início, a explicação permaneceria relacional. Dessa forma, conclui-se que o relacionismo elimina ambiguidades na teoria skinneriana, afastando o behaviorismo radical de concepções mecanicistas, como o behaviorismo watsoniano.

**Palavras-chave:** Internalismo. Externalismo. Behaviorismo radical.